

TRAGÉDIA NO CAZAQUISTÃO

Vladimir Putin lamenta “trágico incidente” com o voo da Azerbaijan Airlines e admite atividades da defesa aérea russa no dia da tragédia que matou 29 das 67 pessoas a bordo. Especialistas brasileiros serão convidados por Moscou a participar da investigação

Pedido de desculpas sem assumir a culpa

» RODRIGO CRAVEIRO

Quase 72 horas depois da queda do avião Embraer 190 que fazia o voo J2-8243 entre Baku (Azerbaijão) e Grozny (república russa da Chechênia), o presidente da Rússia, Vladimir Putin, “ofereceu suas desculpas pelo trágico incidente”, mas não admitiu responsabilidade pelo desastre que matou 29 dos 67 ocupantes, entre passageiros e tripulantes. Além de uma nota divulgada pelo Kremlin, Putin telefonou para os presidentes Ilham Aliyev (Azerbaijão) e Jomart Tokayev (Cazaquistão). Na conversa com Aliyev, o líder russo disse que o avião “tentou aterrisar no aeroporto de Grozny”. “Naquele momento, (as cidades de) Grozny, Mozdok e Vladikavkaz estavam sendo atacadas por drones de combate ucranianos, e o sistema de defesa aérea russo repeliu os ataques”, acrescentou.

Durante a ligação com Tokayev, Putin declarou que “a comissão governamental cazaque encarregada de investigar todos os detalhes do incidente chamará especialistas russos, azerbaijanos e brasileiros”. “Este trabalho, realizado no território do Cazaquistão, será objetivo e transparente”, disse, segundo comunicado do Kremlin. O avião da companhia aérea Azerbaijan Airlines, de fabricação brasileira, caiu e se incendiou perto de Aktau, um porto no Mar Cáspio, no oeste do Cazaquistão, depois de desviar da rota original.

Aliyev reforçou as suspeitas de que a aeronave sofreu uma interferência física e técnica externa, pouco antes da queda. A Presidência do Azerbaijão citou as múltiplas perfurações na fuselagem do avião, as lesões sofridas pelos passageiros e pela tripulação (...) e os testemunhos (...) como indícios.

Envolvimento

Oleksiy Melnyk, piloto militar ucraniano de caça MiG-21 entre 1984 e 2000, afirmou ao **Correio** que o envolvimento da Rússia na queda do avião da Azerbaijan Airlines é “óbvio”. “Não tenho dúvidas de que a razão primária para o incidente está no fato de que essa aeronave civil foi atingida por fragmentos de um míssil terra-ar. Ao avaliarmos as fotografias, os vídeos disponíveis e os relatos de passageiros e tripulantes, podemos confirmar que houve uma explosão do lado de fora do Embraer 190. Os destroços do míssil perfuraram a fuselagem e feriram alguns dos ocupantes do voo. Isso ocorreu perto de Grozny, na Rússia”, explicou o morador de Kiev.

Kamilla Jumayeva/AFP



Especialistas inspecionam a fuselagem do Embraer 190, a oeste do aeroporto da cidade de Aktau: relatos de explosão externa

Sergei Ilyin/AFP



(As cidades de) Grozny, Mozdok e Vladikavkaz estavam sendo atacadas por drones de combate ucranianos. A defesa aérea russa repelia esses ataques”

Vladimir Putin, presidente da Rússia

Para Melnyk, ainda não está 100% claro o motivo pelo qual a aeronave não foi desviada para o aeroporto mais próximo de Grozny, se ela tinha sido atingida pelos fragmentos do míssil. “O avião foi seriamente danificado e deveria ter feito um pouso de emergência em algum aeroporto da região. Creio que haveria uma grande chance de ele aterrisar a salvo, em vez de ser enviado ao Cazaquistão”, admitiu.

O ex-militar reconhece a atitude “extremamente profissional” do comandante do voo da Azerbaijan Airlines. “Aeronaves civis não são projetadas para resistir a avarias causadas por mísseis. O sistema hidráulico (do Embraer 190)

foi danificado. Um piloto precisa ter um alto nível de habilidade para conseguir pousar nessas condições. Acho que o fato de 29 passageiros terem sobrevivido se deve ao piloto”, observou Melnyk.

Ainda segundo ele, o rastreamento do avião indica mudanças bruscas de altitude e de direção. “Um vídeo exibe os últimos segundos em que a aeronave saiu do controle. A tripulação conseguiu operar um avião gravemente avaliado por tanto tempo e tentou o pouso.”

Analista da Fundação de Iniciativas Democráticas Ilko Kucheriv (em Kiev), Petro Burkovsky afirmou ao **Correio** que a omissão em assumir responsabilidade pela queda de aeronaves é uma tradição

que remonta à era soviética. “Se averiguarmos a história, veremos que os soviéticos derrubaram, por várias vezes, aviões civis com passageiros. O próprio Putin ordenou aos seus comandantes que disparassem contra a aeronave da Malaysia Airlines, em 17 de julho de 2014. Os russos nunca reconhecem a responsabilidade por esses incidentes”, disse.

Responsabilização

Segundo Burkovsky, Putin deve ser considerado culpado pela queda do Embraer 190. “Isso ocorreu porque ele concedeu poder demasiado para os militares atacarem alvos que considerem uma ameaça”, lembrou o ucraniano. “Ao que tudo indica, eles confundiram a aeronave com um objetivo militar e o derrubaram, sem nenhum procedimento de dupla verificação. Em resumo, a tragédia foi o resultado do sistema criado por Putin em seu próprio país. Infelizmente, creio que esses incidentes continuarão, porque é o modo como Putin funciona. Ele tenta se proteger de qualquer tipo de ameaça.”

Olexiy Haran, professor de política comparada da Universidade de Kyiv-Mohyla, considera que Putin não se importa com vidas de civis. “Basta lembrarmos da derrubada do avião da Malaysia Airlines, no leste da Ucrânia, quando 298 pessoas morreram. As investigações provaram a culpa da Rússia.”

DUAS PERGUNTAS /

Arquivo pessoal



OLEKSIY MELNYK, PILOTO MILITAR UCRANIANO DE CAÇA MIG-21 ENTRE 1984 E 2000

Putin alega que, no dia da queda do avião, a Rússia respondia a um ataque com drones. O espaço aéreo russo não deveria estar fechado?

A tragédia poderia ter sido evitada. Se havia atividade militar na área, qualquer controlador de tráfego aéreo profissional deveria, imediatamente, tomar todas as medidas para proteger as aeronaves civis que voavam na região. Isso não foi feito. Houve uma clara violação das normas da Organização da Aviação Civil Internacional (ICAO, pela sigla em inglês). O espaço aéreo até uma certa altitude deveria ter sido fechado para aviões civis, em caso de atividade militar.

O senhor vê indícios de um crime de guerra cometido pela Rússia?

Cabe à equipe de investigação internacional e ao Tribunal Penal Internacional decidirem quem deveria ser responsabilizado por isso. Apesar dos crimes de guerra cometidos pelo presidente Putin na Ucrânia, não acho que esse caso particular deve ser atribuído a ele. Provavelmente, Putin não foi informado sobre o risco ao avião da Azerbaijan Airlines e não tinha o controle da situação. Quando olhamos para as causas dessa tragédia e do terrível incidente com a aeronave da Malaysia Airlines, em 2014, a cadeia de acontecimentos termina em Vladimir Putin. (RC)

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

UE e as saúvas do Mercosul

Como afirmamos no artigo passado, mesmo com os ganhos totais pendendo a seu favor, os europeus são vorazes para assegurar vantagem até nas poucas coisas em que temos alguma vantagem natural. A Itália, por exemplo, acabou de se manifestar, depois da conclusão da negociação, que quer renegociar partes do acordo para melhor proteger seus interesses agrícolas. Trata-se de um apoio à chiadeira francesa, que agora, com a adesão italiana, alcançará o número mágico da população do bloco europeu necessário para barrar um acordo desse tipo.

Se o acordo tem pontos a serem renegociados, eles devem favorecer os países do Mercosul sem prejudicar o aumento da pujança dos europeus. O comércio internacional não é para improvisações e amadorismo. É sempre bom lembrar dos empecilhos colocados por nós mesmos diante das nossas tentativas domésticas de crescimento e desenvolvimento.

Fica evidente que a sorte do país independe dos benefícios ou malefícios entregues por potências estrangeiras se nove cidadãos brasileiros decidem, paternalisticamente, proteger a economia — de quem? — e elevar os juros do Brasil para a posição de segunda maior taxa de juros reais do mundo. Diretores indicados por dois governos diferentes, o que evidencia uma paralisia intelectual abrangente e crônica em um país que enfrenta dificuldades para formular estratégias voltadas à melhoria da vida dos cidadãos vistos coletivamente.

Temos um país colonizado por rentistas financeiros que, em grande parte, estão localizados no próprio país. Afinal, alguém achar normal o Copom se reunir e informar, com a falsa segurança dos acadêmicos teóricos, que aumentará em 3 pontos percentuais a taxa de juros de um país com inflação abaixo de 5%, espanta até o mais ousado dos rentistas estrangeiros.

Tal atitude é de quase uma desfaçatez. Se a doença é terminal, o Copom é o hospital que não dá alta para manter o país na UTI dos juros altos e bom para poucos. Escorados no pretexto de uma crítica sobre o tamanho da febre da dívida pública, aumentam os juros, que são o fator de maior impacto sobre o crescimento da própria dívida. Estapafúrdio e sem lógica.

Para ficar claro: o estoque total de passivos de dívida emitidos pelo governo geral, como proporção do PIB no Brasil, segue na mesma casa de China e Índia, outras economias comparáveis dos Brics — na casa de 85% —, e muito abaixo do que ocorre na Europa e na América do Norte, onde a relação dívida/PIB está consistentemente acima de 100% — logo, pediriam juros mais altos. Todos, inclusive indianos e chineses, têm taxas de juros muito mais baixas do que as do Brasil.

Mas, tudo sempre foi culpa nossa, desde que um botânico francês, Auguste de Saint-Hilaire, observou que as saúvas, formigas cortadeiras, acabariam com o Brasil se o Brasil não acabasse com elas. Saint-Hilaire ficaria feliz em constatar que, com a engenhosidade da Embrapa e a força de nossos produtores rurais, as saúvas não são mais uma ameaça ao campo brasileiro, cuja produtividade e qualidade atemoriza, hoje, os protecionistas de sua França natal. Entretanto, as saúvas migraram de setor e seguem proliferando em nosso mercado financeiro.

Apenas em dois países do mundo, no Brasil e na conturbada Turquia — cujo mercado é quase apenas um terço do nosso —, é possível a uma pessoa receber, mensalmente, cerca de cem mil unidades monetárias (ou cerca de R\$ 100 mil, no nosso caso), acima da inflação, para cada dez milhões de unidades monetárias (ou R\$ 10 milhões, no nosso caso) que ela deixar paradas, sem risco nenhum, investidas num título atrelado à taxa básica estipulada pela autoridade

monetária. É um escárnio isso ser chamado de investimento.

Caso não caduque, caberá ao Brasil e ao Mercosul agir da forma mais diligente possível para não deixar que o acordo seja praticado, pura e simplesmente, da forma como está escrito. Pelas regras de transição, o Brasil precisará de governos altamente estratégicos e capacitados nos próximos 15 anos a fim de não entrar numa fria, principalmente com relação à sua indústria e a seus recursos minerais. Resta considerar se vale a pena avançar para que o acordo, mais vantajoso para a UE, seja assinado, internacionalizado e ratificado.

No entanto, ainda que não tenha sido nesse acordo que a parte menos desenvolvida se deu bem, quem sabe ele abra janelas num Mercosul tão amarrado? Afinal, abrir janelas, mesmo que pequenas, traz sempre uma oportunidade de renovar o ar e enxergar oportunidades antes invisíveis.

Que tenhamos um Feliz ano-novo.

PAULO DELGADO, sociólogo.